

Modernidade, contemporaneidade e religião: uma breve leitura do mundo moderno e as transformações da religião

Vitor Cesar Presoti

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

vitorcpresoti@gmaill.com

Resumo

Este ensaio apresenta uma breve revisão bibliográfica, no intuito de produzir uma reflexão livre, sobre os agentes e os movimentos que culminaram no mundo moderno e seus desdobramentos na sociedade contemporânea, sobretudo em relação aos deslocamentos e transformações das religiões e suas instituições. Para tanto, serão abordados autores como Talal Asad (2010), Marshall Berman (2007), Paulo Ghiraldelli (s.d.), Charles Taylor (2011), Wouter Hanegraaf (2017), Flávio Pierucci (2003) e Reginaldo Prandi (1992).

Palavras-chaves: Modernidade; religião; sociedade contemporânea; secularização.

Mecanismos simples guiam a evolução natural e são capazes de criar, em uma larga escala de tempo, toda complexidade, ordem e beleza que hoje se conhece.

Richard Dawkins

Introdução

Este ensaio parte de uma revisão bibliográfica de alguns autores, como Talal Asad (2010), Marshall Berman (2007), Paulo Ghiraldelli (s.d.), Charles Taylor (2011), Wouter Hanegraaf (2017), Flávio Pierucci (2003) e Reginaldo Prandi (1992), a fim de construir uma breve reflexão sobre as transformações da sociedade ante a era moderna. Dessa forma, o trabalho será dividido em quatro partes. A primeira é uma rápida introdução sobre o tema, em seguida será abordado alguns aspectos do mundo moderno e seus desdobramentos, a partir da leitura de Ghiraldelli (s.d.) e Taylor (2011). A terceira parte trata da religião e suas transformações frente ao mundo moderno, através das lentes de Asad (2010), Hanegraaf (2017) e Prandi (1992). Por fim, a última parte apresenta algumas considerações finais.

O constante avanço da humanidade e de suas organizações sociais perfazem aspectos que constituem as sociedades pela ordem e desordem, provenientes da *modernidade*, que manifestam interferência, especificamente, nas relações entre os indivíduos e também no papel das religiões e religiosidades ao longo de diferentes contextos da história. Dessa forma,

este ensaio procura tratar, de forma breve, sobre algumas das implicações da modernidade, sobretudo, de seus impactos na religião. Esses processos podem ser correlacionados com a metáfora “tudo que é sólido desmancha no ar” (MARX, 1999) enquanto construção de paradigmas sociais que se desmancham e se destroem, para que possam ser reconstruídos e inovados, entre eles, as formas de viver e produzir expressões religiosas.

O mundo moderno deve ser pensado como fenômeno que desfaz determinadas convicções e interfere, de forma rápida e eloquente, nas formas de sociabilidade entre os indivíduos na contemporaneidade. Inclusive, interfere, também, nas crenças e ações individuais e coletivas enquanto um ser invisível que tudo controla e cujo gerenciamento se estrutura e se solidifica de acordo com cada sistema social. Marshall Berman (2007) tece a modernidade como um paradoxo, uma unidade de desunidade, um tácito conjunto empírico de experiências individuais para consigo mesmo e para com os outros do grupo social. Tudo deve ser reinventado a cada instante, as coisas, as relações e mesmo as instituições são feitas ou pensadas para não durarem muito neste novo mundo, um mundo fugaz e paradoxalmente desafiador, sobretudo para as formas de religiões tradicionais e suas instituições.

Neste novo mundo, o velho tem de dar lugar ao novo e àquilo que é sagrado também tem que ser entendido como profano. A razão teoricamente sobrepujaria a religião e passaria a governar, fazendo com que os homens enfrentassem sobriamente suas relações sociais, seu lugar no mundo e dentro da sociedade. Sem o amparo de Deus, o indivíduo se torna condutor ao mesmo tempo em que é conduzido por esse processo diluidor. Os novos meios de produção, da comunicação, da literatura e da própria produção da cultura, criaram situações em que, se hoje construímos um corpo de conhecimento que consideramos firme e sólido, daqui alguns dias pode ter virado pó, pois novos meios podem ter sido criados, surgiram novas descobertas ou passamos a pensar de uma maneira diferente.

Modernidade e seus desdobramentos

O desenvolvimento contínuo e fugaz da sociedade moderna, em que as religiões e seus papéis na vida social vêm sendo modificados através das alterações históricas e alinhado ao sentimento de declínio na contramão de todo o avanço tecnológico da contemporaneidade, gera o que Charles Taylor (2011) aponta como “Mal-estares” da modernidade. Taylor (2011) tece sua reflexão através de três temas centrais, geradores de certo refluxo da modernidade, são eles: o individualismo, o desencantamento do mundo e, por fim, a perda da liberdade.

Taylor (2011) aponta que o desencantamento do mundo está intimamente atrelado

a razão instrumental. O pesquisador define a razão instrumental como sendo: “o tipo de racionalidade em que nos baseamos ao calcular a aplicação mais econômica dos meios para determinado fim. Eficiência máxima, a melhor relação custo-benefício é sua medida de sucesso” (TAYLOR, 2011, p. 14). Para ilustrar essa racionalidade, essa razão instrumental, resultado do desencantamento do mundo, recorro à perspectiva de Baumam (1998) e seu estudo sobre o holocausto como um fruto da modernidade.

Segundo as lentes do autor, o holocausto pode ter sido o fracasso e o apogeu da racionalidade moderna, o fortalecimento da tecnocracia e a burocratização da vida, consequência da despolitização, desmoralização e dissolução do indivíduo. Assim, tomemos como exemplo a racionalidade nazista, um processo operado a partir de uma razão quantificadora que aplica artifícios no qual o indivíduo é diluído no todo, perdendo assim a sua singularidade dentro de um processo hábil e intencionalmente administrado, maquinado pela racionalização, burocratização e, em segundo plano, a busca pela ordem. Esse exemplo serve para lançar luzes sobre a maneira com que a modernidade forja o progresso da racionalidade científica, administrativa e tecnológica de forma a interferir no progresso humano como um todo, esse tipo de racionalidade pode ser entendida como um mero meio instrumental e eticamente neutro.

Dessa forma, o evento do desencantamento do mundo passa a abrir terreno para a secularização, de forma que o pensamento guiado pelas metarrativas e orientado pelas entidades metafísicas começa a deixar de dominar a realidade em função de um pensamento racional, que ao suprimir o grande manto da religiosidade, passa a guiar as regras do campo social através da lógica da razão. Antes de prosseguir, vale demarcar melhor dois termos-chaves deste trabalho, desencantamento e secularização. Segundo Pierrucci (2003) “o desencantamento em sentido estrito se refere ao mundo da magia e quer dizer literalmente: tirar o feitiço, desfazer um sacrilégio, escapar da praga rogada, derrubar um tabu, em suma, quebrar o encanto” (p. 7). Por outro lado, o conceito de secularização “implica abandono, redução, subtração do *status* religioso; significa *sortie de la religion*; é defecção, uma perda para a religião e emancipação em relação a ela” (PIERRUCCI, 1998).

É nesse sentido que Paulo Ghiraldelli (s.d.) apresenta o conceito de desencantamento do mundo e seus desdobramentos através de movimentos que se desencadeiam cronologicamente ao longo da história, e abrem espaço para o processo de secularização da sociedade moderna.

O primeiro movimento apontado por Ghiraldelli (s.d.) remete ao mundo antigo e versa sobre a ascensão do cristianismo sobre o panteão pagão. Ou seja, sai de cena uma

grande pluralidade de deuses e divindades intimamente ligados a *polis*, que passava a perder força no mundo helênico e que abria espaços para a filosofia estoica, muito ocupada com a noção do eu, do indivíduo. Em outras palavras, este é marco inicial da ascensão do monoteísmo sobre o politeísmo, “saem os deuses, entra Deus” (GHIRALDELLI, s.d.) que na mitologia cristã é tratado como pai, único.

Posteriormente, temos a ascensão do Homem sobre Deus, entra em cena o culto ao *Ego*, ao *selfie*, inaugurando uma nova visão de mundo que coloca o indivíduo como ator central do pensamento humano. A terceira cena está elencada ao homem, “junto com o homem, vem a mulher” (GHIRALDELLI, s.d.). Nessa cena Ghiraldelli (s.d.) traça uma analogia do feminino e a “obra de luxo do capitalismo, erigido ao gosto da mulher europeia” (GHIRALDELLI, s.d.). O autor traça ainda um paralelo do incentivo, por parte das mulheres na Europa, ao consumo do açúcar “de modo a tornar doce todo e qualquer momento” (GHIRALDELLI, s.d.).

Segundo Ghiraldelli (s.d.), essas práticas de consumo viriam a movimentar um sem número de empreendimentos do outro lado do mundo, surgindo no bojo do capitalismo, indo da venda de escravos, ampliação da colonização e ao desenvolvimento das marinhas. Todo esse movimento, aponta o autor, “essa suavização da vida, feita sob o controle direto da mulher, do açúcar e da sensualidade, foram o centro real do desenvolvimento do capitalismo” (GHIRALDELLI, s.d.).

Em seguida há a saída do homem e da mulher e a entrada do consumidor, o autor discursa sobre a passagem do consumo em massa para o “consumo de exposição de *status* [...], consumo como diferenciação classista” (GHIRALDELLI, s.d.). No entanto esse pesquisador aponta que essa era já foi subjugada por outra era, a era do hiperconsumo, que trata do consumo das marcas, uma vez que estas passam a trazer conceitos de identidades em seus produtos, ou seja, as marcas distinguem e conferem identidade ao consumidor ao mesmo tempo em que lhes conferem uma pertença à determinado grupo social.

Esses movimentos trazem consigo o dinheiro capitalista, abstrato e portador de si mesmo, um dinheiro que passa do mercado das coisas para um mercado de juros. Nesse mercado, dinheiro faz mais dinheiro, sem a necessidade de mercadorias com uma perspectiva de ganhos sem trabalho. No entanto, ao mesmo tempo em que esse dinheiro é libertador, uma vez que tudo tem um preço, tudo pode ser pago, esse dinheiro escraviza pela eterna dívida aos credores, que segundo o autor, são capazes de direcionar os desejos até mesmo de nações. (GHIRALDELLI, s.d.).

Essa apresentação dos agentes e rupturas expostos por Ghiraldelli (s.d.), traça um

quadro da modernidade que dá o tom à sociedade contemporânea, um momento histórico marcado e guiado pelo mercado e individualismo. Individualismo narcísico, abastecido pela hegemonia soberana do indivíduo e que dispara o ser humano em uma constante busca por uma identidade perdida, uma busca “por algo que possa parecer uma identidade, e isso a partir de qualquer tipo de coletividade” (GHIRALDELLI, s.d.).

Adentrando um pouco mais na análise do individualismo, Taylor (2011) aponta que o caráter individualista da modernidade trouxe o indivíduo para o centro da reflexão, a modernidade permitiu que o indivíduo decidisse conscientemente e orientasse suas decisões por si próprias na direção e formato de sua vida. Esse movimento foi fruto de uma ruptura com os horizontes morais, certa ordem cósmica na qual os papéis sociais eram fixados dentro de uma hierarquia social e que tinham um enorme amparo nas estruturas das religiões enquanto instituições. Ao mesmo tempo em que essa ordem limitava o indivíduo, dotava o mundo de significado e de valor. Conforme o autor aponta, a ruptura com essa ordem fez com que o indivíduo perdesse os nortes sociais, gerando um mal-estar que expurga a sensação de pertencimento ao grupo social, mesmo que de forma ilusória. Segundo Taylor (2011) é através da ruptura com essa ordem que se forma as bases do desencantamento do mundo.

Dessa maneira podemos ver como Ghiraldelli (s.d.) apresenta uma leitura do indivíduo no contexto de modernidade a partir de cenas, ou agentes de eventos, a fim de se expor o desenvolvimento histórico que culminaria em mais uma fase do individualismo e ao refluxo à era moderna. Nesse sentido a discussão de Taylor (2011) está bastante alinhada às reflexões de Paulo Ghiraldelli (s.d.) sobre a sociedade contemporânea e a era moderna, seus impactos e transformações do comportamento humano, da vida social e da individualidade na sociedade atual.

A religião e suas transformações

Toda essa transformação de paradigmas não deixaria incólume um dos maiores fatores de significação e regulação da vida social, a religião. Frente a toda essa mudança e reconstrução do mundo ante a nova dinâmica moderna, Talal Asad (2010) reflete sobre o que identifica como “as formas, as pré-condições e os efeitos socialmente identificáveis daquilo que era considerado como religião durante a época cristã medieval” (p. 264). Segundo Asad (2010), o conceito de religião na era pré-moderna era tratado como um elemento possuidor de uma condição primeira do pensamento humano, era uma instituição arcaica da qual outras instituições modernas emergiram e se separaram.

Tão logo, com o advento da sociedade moderna, a religião passou a ser enquadrada em “um espaço distintivo da prática e da crença humanas que não pode ser reduzido a nenhum outro” (ASAD, 2010, p. 263). Esse conceito de religião surge na esteira da ascensão da era moderna, e vem delinear a religião como uma questão individual, sem seu potencial totalizante e regulador, separada das outras instituições da vida humana, ou seja, uma separação entre religião e poder, em contraste com a religião no mundo medieval, coletiva e reguladora, “um grande manto” (ASAD, 2010, p. 263), um poder “distribuído de outra forma e tinha um ímpeto distinto” (ASAD, 2010, p. 264). Dessa forma, o conceito de religião na contemporaneidade “parte de uma mudança mais ampla na paisagem moderna do poder e do conhecimento. Essa alteração incluiu um novo tipo de Estado, um novo tipo de ciência e um novo tipo de sujeito jurídico e moral” (ASAD, 2010, p. 264).

Alinhado à discussão de Asad (2010), Hanegraaf (2017) vem dizer que o “desenvolvimento da religião, do pré/não-secular para os contextos seculares, pode ser descrito e analisado como o processo social pelo qual a relevância das religiões gradualmente diminui na vida das pessoas” (HANEGRAAF, 2017, p. 241), ao passo que na esfera privada e particular, as formas de experimentação do sagrado e da vivência do religioso em caráter singular, aumenta.

Esse é um evento em que gradualmente, dentro da sociedade secular e moderna, as formas de religião passam a deixar de ter um caráter regulador ou moralizante no grupo social, a religião e sua instituição deixa de exercer um poder significativo dentro do funcionamento da engrenagem social. Frente a essas transformações do mundo ante a era moderna e secularizada, Hanegraaff (2017) aponta ainda que, “a tese da secularização não implica necessariamente algo tão radical quanto se escrever secularização como o fim da religião, mas poderia significar apenas que o tecido social da sociedade secular não é mais inseparável das instituições religiosas” (p. 237).

A afirmação de Hanegraaff (2017) de que a secularização não implica no fim da religião é verdadeira em nações desenvolvidas, que de uma forma ou de outra encontraram mecanismo para direcionar as religiões para um âmbito mais individual, sem que suas instituições atravessassem os caminhos políticos de forma tão moralizante e reguladora, ou seja, em nações como as da América Latina, sobretudo o Brasil. Assim, apesar de todo o esforço de se modernizar, em nossa sociedade, guiada pelas luzes da razão, “tivemos um projeto de modernidade, um projeto de sociedade, que não incluía o povo” (PRANDI, 1992, p. 82). Nesse projeto de modernidade brasileira, Prandi (1992) aponta ainda que “a maioria da população foi mantida longe do pensamento científico, das filosofias laicas, dos modelos de

comportamento que implicam a escolha racional” (p. 82).

Pois bem, mesmo que nos encontremos nesse quadro da modernidade que dá o tom à sociedade contemporânea, e vivenciando momento histórico marcado e guiado pelo mercado, a partir de uma lógica de progresso da racionalidade científica, administrativa e tecnológica, Prandi (1992) aponta que nossa sociedade se mostrou a quem de solucionar os problemas, divergências e contratempos de sua própria constituição. E mesmo que tenhamos passado pelo que muitos estudiosos apontaram como sendo o século da razão, segundo o autor:

Por não termos completado a formação de uma sociabilidade capaz de instrumentalizar a participação na vida pública independente da construção da identidade e dos mecanismos de representação pela via religiosa de estilo tradicional, as religiões de conteúdos éticos vazios ou acanhados, mas de repertórios mágicos robustos, acabam se mostrando bastante aptas a florescer nesta sociedade problemática, atrasada e sem muitas esperanças confiáveis (PRANDI, 1992, p. 90).

Ou seja, diante de todas as rupturas, conflitos e rearranjos inovadores apresentados ao longo do texto, nesses grandes conjuntos socialmente organizados o homem precisa se acomodar, mas se acomoda mal, muito mal, particularmente no caso da sociedade brasileira, em que somos catapultados em um modelo de sociedade moderna, secular, racional, etc., mas que não inclui o povo e gera os mal-estares abordados por Taylor (2011). Pensando a partir das lentes de Prandi (1992), não é de se estranhar que dentro do quadro de modernidade e sociedade contemporânea pintado por Ghiraldelli (s.d.), em que existe uma grande restrição da atividade humana em sua plenitude à uma reduzida parcela de indivíduos, tenhamos um “retrocesso” no que se diz respeito do lugar das religiões na esfera pública e até mesmo na vida privada.

Considerações finais

Este ensaio não teve como finalidade apresentar resultados ou respostas, partiu de uma reflexão livre de algumas rupturas e agentes do *ethos* do pensamento moderno e alguns de seus desdobramentos na sociedade contemporânea, a fim de tecer uma breve discussão sobre as transformações da vida humana e sua regulação social, principalmente sobre o papel da religião ao longo das mudanças recentes da sociedade contemporânea.

Ao longo do ensaio busquei percorrer um trajeto gradativo dos agentes que viriam

a compor o quadro de modernidade, fomentando o terreno para adentrar a discussão das implicações dessas transformações no paradigma social, sobretudo o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental e perspectiva de um mundo cada vez mais pautado pelo individualismo. Essas transformações e rupturas impactaram diretamente no conceito de religião e seu posicionamento, primeiramente em um contexto pré-secular, e em seguida dentro de um contexto secular que empurra a espiritualidade cada vez mais para a esfera privada

No sentindo dessa perspectiva individualizante da religião e alinhada à crise de sentido, fruto da modernidade, apresento como exemplo a Nova Era. Camurça (2014) aponta a Nova Era como uma religiosidade difusa que eclode no final do século XX, principalmente dentro das camadas médias da sociedade ocidental. Essa expressão religiosa tem em sua postura o forte caráter de reencantamento do mundo, buscando resgatar o misticismo e a magia na sociedade contemporânea a partir de uma perspectiva individualizante, lançando mão de uma vasta gama de práticas esotéricas de cunho oriental. Ao passo que a Nova Era se difunde nas camadas médias, o Neopentecostalismo, com sua perspectiva mágica, encontra campo nas camadas mais pobres.

Referente à sociedade brasileira, tomemos como exemplo atores políticos conservadores e evangélicos, em destaque o atual presidente da República, que se coloca como um dos principais vetores de discursos amparados na mitologia cristã, dentro da esfera política. Dessa forma, Jair, ampara-se no pensamento cristão conservador de forma a empregá-lo como um gatilho representacional popular, que opera na mobilização de políticas com viés religioso. Dessa forma, esse agente interpreta o país como uma nação que deve se fundamentar, sobretudo, em preceitos cristãos, para tanto, ataca outras expressões religiosas de forma bastante populista e com extremo apreço pelo conservadorismo cristão. Esse é um exemplo do lugar das religiões na esfera pública.

Já em relação ao papel das religiões em âmbito privado, o indivíduo desfavorecido e em situação de fragilidade, dentro da lógica capitalista, a se ver diante dos problemas e mal-estares que eclodem na sociedade contemporânea, ao contrário do que se esperava, reencanta o mundo e adere as mais diversas expressões religiosas, capazes de operar os mais distintos milagres e que venham a servir como gatilhos de significados para suas vidas ao se apresentarem como um “sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo [...] e por outro, lhe garantem uma providência cuidadosa [...] que o compensará numa existência futura, de quaisquer frustração que tenha experimentado aqui” (FREUD, 1996, p. 82).

Se a princípio a religião exercia um poder regulador, através de suas instituições totalizadoras, em um segundo momento, dentro de uma lógica secular, a religião passa a um lugar de menor relevância na esfera pública, e começa a ocupar um campo cada vez mais privado na vivência do religioso. Esse movimento se configura apenas em teoria, uma vez que surge uma onda conservadora e religiosa, principalmente cristã, e que vem retomando o espaço perdido na esfera pública. Por outro lado, a partir de um caráter mais individualizante do fenômeno religioso, expressões como a Nova Era e o Neopentecostais, partem para um reencantamento do mundo, a primeira através de diversos elementos místicos e a segunda lançando mão dos mais diversificados milagres.

Penso que ao longo da história, as religiões (sobretudo o cristianismo) vêm servindo muito bem como mecanismos aos que operam os mais diferentes projetos de poder, bem como, vêm sendo utilizadas para apaziguar as aflições dos que não compreendem e/ou não aceitam a insignificância da existência humana, assim como a indiferença cega e impiedosa do cosmos.

Referências

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**: A aventura da Modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BAUMAM, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CAMURÇA, Marcelo. **Espiritismo e Nova Era**: Interpelações ao Cristianismo Histórico. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário: 2014.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**: o mal-estar na civilização e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **A história da individualidade em cinco cenas**. s.d. Disponível em:
https://www.academia.edu/36836458/A_hist%C3%B3ria_da_individualidade_em_cinco_cenas. Acesso em: 14 ago. 2020.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **A sociedade de “consumo” e as transformações da individualidade**. S.d. Blog Do filósofo Paulo Ghiraldelli, 6 ago. 2020. Disponível em: <https://ghiraldelli.pro.br/2020/08/06/sociedade-de-consumo/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **A subjetividade na sociedade do dinheiro**. 2019, 8p. Disponível em: https://www.academia.edu/39665019/A_subjetividade_na_sociedade_do_dinheiro. Acesso em: 15 de ago. 2020.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Os sete elementos da contemporaneidade**. Blog Do filósofo Paulo Ghiraldelli, 25 fev. 2020b. Disponível em: http://ghiraldelli.pro.br/contemporaneidade/os_contemporaneidade.html. Acesso em: 22 ago. 2020.

HANEGRAAFF, Wouter. **Definindo Religião**: apesar da História. *Religare*, ISSN: 19826605, v.14, n.1, agosto de 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**: Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: 34, 2003.

PRANDI, Reginaldo. **Perto da Magia, Longe da Política**. Novos Estudos, Nº 34, 1992.

TAYLOR, Charles. **A Ética da Autenticidade**. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

Modernity, contemporaneity and religion: a brief reading of the modern world and the transformations of religion

Abstract

This essay brings a brief bibliographic, review in order to produce a free, reflection on the agents and movements that would culminate in the modern world and its developments in contemporaneous society, especially related to the displacements and transformations of religions and their institutions. To this end, authors such as, Talal Asad (2010), approach Marshall Berman (2007), Paulo Ghiraldelli (s.d.), Charles Tylor (2011), Wouter Hanegraaf (2017), Flávio Pierucci (2003) and Reginaldo Prandi (1992).

Keywords: Modernity; Region; Contemporaneous Society; Secularization.